NOS PASSOS DE SANTA MÔNICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rossi, Luiz Alexandre Solano
Nos passos de Santa Mônica: um guia de espiritualidade para mães que oram por seus filhos / Luiz Alexandre Solano Rossi. – São Paulo: Paulus, 2024.
(Coleção Nos Passos dos Santos)

ISBN 978-85-349-5450-1

1. Devoções diárias 2. Mônica, santa I. Título II. Série

24-2720 CDD 242.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Devoções diárias

Coleção **NOS PASSOS DOS SANTOS**

Autor: Luiz Alexandre Solano Rossi

- *Nos passos de Santo Antônio*
- *Nos passos de Santa Rita de Cássia*
- *Nos passos de Santa Teresinha do Menino Jesus*
- *Nos passos de São José*
- *Nos passos de São Vicente de Paulo*
- *Nos passos de Santa Teresa de Calcutá*
- *Nos passos de São Luís e Santa Zélia*
- *Nos passos de São Francisco de Assis*
- *Nos passos de Santa Dulce dos Pobres: o anjo bom da Bahia*
- *Nos passos de Santa Mônica: um guia de espiritualidade para mães que oram por seus filhos*

LUIZ ALEXANDRE SOLANO ROSSI

NOS PASSOS DE SANTA MÔNICA

UM GUIA DE ESPIRITUALIDADE PARA MÃES QUE ORAM POR SEUS FILHOS

PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Revisão
Tiago José Risi Leme, André Tadashi Odashima, Lucas Lopes Giron, Tatianne Aparecida Francisquetti

Design
Eduardo Quélho, Paulo Cavalcante

Imagens
iStock

Impressão e acabamento
PAULUS

1ª edição, 2024

Conheça o catálogo **PAULUS** acessando: **paulus.com.br/loja**, ou pelo QR Code.
Televendas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

© PAULUS - 2024

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5450-1

APRESENTAÇÃO

Houve uma Mônica que nasceu no distante ano de 331. Porém, existem muitas outras que se multiplicam em narrativas de vida semelhantes. Tanto lá quanto aqui, tanto ontem quanto hoje, milhares de mães, de joelhos em chão, através da oração e da paciência preparam a conversão dos que lhes são queridos. Porém, o tempo de Deus não é o nosso e, sobre ele, não temos domínio. Por isso, longos anos se passaram para que a esperança plantada no coração de Mônica, pelas generosas mãos de Deus, germinasse também no coração de seu amado filho. Mas, durante todo esse tempo, ela continuou sua vida de intensa oração pela conversão de seu filho. Que profunda lição espiritual: perseveram mais aquelas e aqueles que caminham de joelhos!

Mônica era de Deus, e sua vida era dedicada a ele. E, a fim de salientar o poder de Deus na vida de sua mãe, Agostinho certa vez escreveu enfaticamente: "Não foi ela quem se fez ou se educou por si mesma". Mônica optou por seguir um caminho que a grande maioria recusa, ou seja, o caminho do discipulado que conduz à santificação. Os passos dela, nesse sentido, eram dados segundo os passos de Jesus.

Um exercício de imaginação é necessário para bem compreender quem foi Santa Mônica. Imagine, por exemplo, um filho irremediavelmente inquieto que, em vez de pensar em seu futuro, encontrar um emprego sério, cultivar relacionamentos saudáveis e não tóxicos com outras pessoas, desperdiça sua vida em diversões inúteis e que não acrescentam nada à vida, entregando-se ao vício e

assumindo caminhos que levam a lugar nenhum. Imagine, também, uma mãe cristã, viúva precocemente, com três filhos para cuidar e todo o peso da responsabilidade sobre seus ombros. Após esse exercício de imaginação, é possível concluir que esta história parece uma história como muitas outras, que podemos ouvir todos os dias, ou talvez até mesmo ter vivenciado em primeira mão em nossa própria família.

Durante o grande período que se estende da adolescência de Agostinho até sua conversão e batismo, podemos afirmar que Mônica poderia ser descrita por apenas duas palavras: *oração* e *lágrimas*. A oração foi seu modo de conversar com Deus para abrir e derramar seu coração, a fim de que Deus desse a seu filho a fé verdadeira. E as lágrimas corriam por seu rosto como expressão de seu sofrimento pelos caminhos da perdição trilhados por seu filho. Todavia, por mais incrível que possa parecer, havia dor, mas, também, havia porção dobrada de esperança! Como não se lembrar da Palavra de Deus registrada em Lamentações 3,21: "Quero trazer à memória o que me pode dar esperança"?

Mônica é santa, não por ter realizado qualquer milagre ou por ter sido martirizada, como poderíamos pensar. Sua santidade emerge da maternidade. Seu milagre, por assim dizer, encontra-se potencialmente em cada lágrima que é derramada quando suplica, através da oração, a dádiva do Cristo para seu filho. As lágrimas dela, sem dúvida, são as lágrimas de Deus.

Meu convite é para que você percorra os trinta dias de *Nos passos de Santa Mônica* e que, no fim, descubra que é o seu joelho no chão que mantém sua casa em pé.

1º DIA
MENSAGEM

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, nasceu em Tagaste (norte da África), aproximadamente a 100 km da cidade de Cartago, possivelmente em 331. A figura de Mônica, com uma personalidade bem definida, deu consistência à sua família. Ela assumiu a liderança na educação de seus filhos, com ênfase especial na religião. A pedagogia de Mônica, diríamos hoje, é a do testemunho perseverante, do acompanhamento e do cuidado. E – por que não dizer? – ela desenvolveu o que poderia ser denominado de "espiritualidade do cuidado". Dessa forma, ela conquistou seu marido para Jesus Cristo e teve uma influência decisiva na conversão de seu filho Agostinho. Não podemos dimensionar quanta coragem e quanta força uma mãe precisa para sacrificar sua própria vida, para usar cada momento de sua existência única e exclusivamente para o cuidado e o bem-estar de seus filhos. E não pensemos apenas no bem-estar do corpo, mas também, e principalmente, do espírito, da alma, que, especialmente nos mais jovens, é constantemente perturbada por pensamentos e estímulos que nem sempre são compreensíveis para eles.

Tudo quanto Mônica recebeu de seus pais, ela procurava diligentemente inculcar em seu filho. As lembranças de sua infância ao lado dos pais a levaram a viver uma pedagogia baseada em três fundamentos, a saber, "crer em Deus" a ponto de se entregar totalmente a ele e, com isso, ter a plena consciência de ser filha de Deus; "pensar de forma santa", o que implicava fazer a vontade de Deus, e não a própria vontade; "fixar-se em Deus" como o supremo propósito da vida. A vida de Mônica, portanto, apresenta-se como se fosse uma cartilha a ser seguida.

Enquanto caminhava pelas trilhas do mundo a caminho do Reino, Mônica tinha duas grandes certezas que havia aprendido na catequese junto a seus pais, ou seja, o amor a Deus e o amor ao próximo. Ela sabia que a vida somente tinha sentido e finalidade quando fundamentada no amor. Por isso, desde pequena, ela se habituou graciosamente na linguagem do amor como se fosse, até mesmo, a sua segunda pele. Assim, ela não possuía o coração fechado e muito menos frio em relação às necessidades dos outros. Ao contrário, a linguagem do amor produzia nela intensa sensibilidade para perceber na face dos outros, de todos os outros, a quantidade de amor que lhes faltava. Mônica não existia para si mesma. É justamente assim que os santos são forjados pelas mãos do oleiro divino. Mônica me faz recordar a letra de uma música que eu cantarolava quando adolescente:

Eu quero ser, Senhor amado
Como um vaso nas mãos do oleiro
Quebra a minha vida e faze-a de novo
Eu quero ser, eu quero ser um vaso novo
Um vaso novo

Como tu queres, Senhor amado
Tu és o Oleiro, e eu o vaso
Quebra a minha vida e faze-a de novo
Eu quero ser, eu quero ser um vaso novo

Eu quero ser, Senhor amado
Como um vaso nas mãos do oleiro
Quebra a minha vida e faze-a de novo
Eu quero ser, eu quero ser um vaso novo

Eu quero ser, Senhor amado
Como um vaso nas mãos do oleiro

Quebra a minha vida e faze-a de novo
Eu quero ser, eu quero ser um vaso novo

Eu quero ser, Senhor, um vaso novo
Um vaso novo
Um vaso novo
Novo

Reflexão

Obrigado, Senhor, porque, mesmo não o enxergando, sinto, em meu coração, que está olhando para mim.

2º DIA
MENSAGEM

Mônica era cheia de fazer planos para si mesma, mas se esquecia de algo fundamental: seus pais, preocupados com o futuro da filha, também planejavam o futuro dela. Se ela, por exemplo, queria se dedicar a uma vida de oração e solidão, seus pais queriam e fizeram com que ela se casasse com um homem chamado Patrício. Ele era um bom trabalhador, mas com um temperamento terrível, mulherengo, jogador e pagão, que não tinha nenhuma inclinação para as coisas espirituais. Ele a fez sofrer muito e, por trinta anos, ela teve de suportar suas explosões de raiva, pois gritava ao menor desagrado. Porém, e apesar de tudo, ele nunca ousou levantar a mão contra ela. Eles tiveram três filhos: dois filhos e uma filha. Os dois mais novos foram sua alegria e conforto, mas o mais velho, Agostinho, a fez sofrer por várias décadas.

Era razoavelmente comum que as vizinhas casadas perguntassem a Mônica por que o marido dela, sendo um dos homens mais mal-humorados de toda a cidade, jamais batia nela, enquanto os maridos delas as espancavam sem piedade. Mônica respondia sem titubear: "É que quando meu marido está de mau humor, eu tento estar de bom humor. Quando ele grita, eu calo a boca. E como são necessários dois para brigar e eu não quero entrar em uma briga, bem, nós não brigamos". Patrício não era católico e, embora criticasse as muitas orações de sua esposa e sua grande generosidade para com os pobres, nunca se opôs a que ela dedicasse seu tempo a essas boas obras. Mônica rezava e oferecia sacrifícios pelo marido e, finalmente, obteve de Deus a graça de que, no ano 371, Patrício fosse batizado e que sua sogra fizesse o mesmo, uma mulher terrivelmente irritada que,

por se intrometer demais na casa da nora, havia tornado a vida da pobre Mônica muito amarga. Um ano depois de seu batismo, Patrício morreu, deixando a pobre viúva com o problema de seu filho mais velho.

O testemunho de Agostinho a respeito da relação de sua mãe com seu pai é impressionante: "Ela era solícita em conquistar o marido para o Senhor, falando-lhe no Senhor com seus costumes, pelos quais o Senhor a tornou bela e reverentemente gentil aos olhos de seu marido. Ela suportou as infidelidades conjugais de tal maneira que nunca teve a menor discussão com o marido por causa disso: porque esperava que sua misericórdia caísse sobre ele, para que, acreditando no Senhor, ele se tornasse casto. Ele era, aliás, sim, por um lado, extremo no afeto, por outro, levado pela ira. Mas ela não sabia como resistir ao marido zangado, nem por atos, nem por palavras. Mas depois que desabafasse e se acalmasse, quando julgasse oportuno, lhe daria uma razão para o seu comportamento, se porventura tivesse se decomposto mais do que o justo" (*Confissões* IX, 9, 19).

Qual era o segredo de Mônica? Ela caminhava com confiança e orientada por Deus. Seus passos não eram definidos por interesses próprios ou para atender a vontade da "maioria". Deus caminhava à sua frente e, por isso, em cada passo dado, ela projetava nos outros a sabedoria e a arte de ser uma mulher de Deus. Na simplicidade de seus passos e na humildade do seu jeito de ser e de viver, Mônica se alimentava de Deus e produzia ao seu redor um caminho novo para todas e todos seguirem.

Reflexão

A melhor oração é aquela que fazemos
a partir das dores dos outros.

3º DIA
MENSAGEM

Patrício e Mônica perceberam que Agostinho era extraordinariamente inteligente e, por isso, decidiram enviá-lo à capital da província, Cartago, para estudar filosofia, literatura e oratória. Mas Patrício, naquela época, só estava interessado em que Agostinho se destacasse em seus estudos, fosse reconhecido e celebrado socialmente, e se destacasse nos exercícios físicos. Ele não se importava com a vida espiritual de seu filho ou com a falta dela. Agostinho, por sua vez, foi se afastando cada vez mais da fé, ao mesmo tempo que pecados e erros crescentes invadiam sua vida. Quando o pai morreu, Agostinho tinha 17 anos, e Mônica começou a receber notícias cada vez mais preocupantes sobre o comportamento do filho. Certa vez, estando doente e com medo de morrer, ele se propôs tornar-se católico, mas, quando se curou da doença, abandonou sua intenção. Posteriormente, ele adotou as crenças e práticas de uma seita maniqueísta, que afirmava que o mundo não foi feito por Deus, mas pelo demônio. E Mônica, que era bondosa, mas não covarde, nem fraca de caráter, quando seu filho voltou das férias e ela o ouviu discutindo teses contra a verdadeira religião, simplesmente o expulsou de casa e trancou as portas, porque sob seu teto ela não abrigava inimigos de Deus. Mônica era firme em suas convicções e não poderia apoiar a simulação feita pelo filho quando foi tomado pelo medo desesperador da morte e, muito menos, quando ele assumiu uma perspectiva de vida que o levava ainda mais para longe de Deus.

Sem oração e ação, Mônica ficaria parada no tempo e no espaço. Com oração e ação, ela transcenderia tanto o tempo quanto o espaço e causaria impacto nos

corações cristalizados, frios e distantes de Deus. Lembro-me, nesse sentido, da história de Abraão que começa com uma fantástica expressão registrada na Sagrada Escritura: "Deus disse a Abraão" (Gn 12,1). Em pouquíssimas palavras, encontramos uma intensidade de informações que nos leva, principalmente, a voltar nossos olhos para um Deus pessoal. Não há como negar: a história de Abraão inicia com a afirmação de que temos um Deus pessoal e que entra em diálogo com cada um de nós. Na origem da história de Abraão, encontramos Deus, e isso faz toda a diferença. A presença de Deus é manifesta na experiência diária de Abraão, ou seja, o relacionamento é tão intenso e significativo que Deus fala com ele. É espetacular acreditarmos que o Deus que criou os céus e a terra fala pessoalmente conosco. Uma experiência que traz para dentro de nossas vidas uma grande alegria, mas também uma enorme responsabilidade. Alegria porque a maior força do universo, o Deus que controla tudo e todos, é o Deus que dialoga com a gente. E responsabilidade porque o Deus que nos fala também deseja ouvir uma resposta de nossos lábios diante dos desafios que nos coloca.

Deus fala não para ser o dono da palavra. Ele não fala como se fosse um monólogo. Suas palavras criam as estradas do diálogo e o desejo de que falemos a ele. Que respondemos a ele? Respondemos a Deus quando assumimos as tarefas que ele estabelece para cada um de nós. Deus nos fala a cada dia e, por isso, precisamos estar com os ouvidos bem atentos. Nesse sentido, precisamos construir uma forma de nos relacionarmos com Deus de tal maneira que os nossos canais de comunicação estejam cristalinos para que escutemos a voz de Deus sem qualquer tipo de estática. Uma das maneiras de conversarmos com Deus é através da oração. É possível dizer que nos dividimos entre aqueles que oram e aqueles que

passam a vida sem abrir seus lábios em direção a Deus. Não existe uma posição melhor para o cristão do que aquela em que ele se encontra de joelhos. De joelhos, podemos vencer a mais terrível das batalhas! Você tem se colocado de joelhos para conversar com seu Pai celestial? Ou se encontra entre aqueles que teimam em permanecer com lábios e ouvidos fechados diante daquele que é o Criador de todas as coisas?

Reflexão

Quando a dor me apertou o coração, fiz uma oração.

4º DIA
MENSAGEM

O mesmo Jesus que caminhava anunciando a mensagem da libertação era aquele que também possuía uma vida de oração. Na madrugada, quando imperava o silêncio e a multidão de pessoas já se dispersava, ele encontrava o momento mais do que ideal para orar. O alimento que sustentava a missão de Jesus era a oração. Ele reservava um tempo para, junto com Deus, criar mais intimidade. Não somos absolutamente nada sem a oração e jamais conheceremos o coração do Pai sem a oração.

Para Santa Mônica, a oração não era uma fuga da realidade, mas, sim, alimento para enfrentar a realidade. Quanto mais seu coração se angustiava, mais ela orava e suplicava para que seu querido filho encontrasse em Jesus o caminho para sair de sua desorientação espiritual. Não havia, para ela, nada mais concreto do que a oração. Compreendia perfeitamente bem que orar é falar com Deus, que se encontrava presente em todos os lugares, mas, principalmente, dentro do seu coração. O próprio Agostinho, mais tarde, escreveria com precisão a respeito da oração: "Todos, quando oramos, somos mendigos de Deus; diante da porta do Pai nos colocamos, prostramo-nos, suplicamos e gememos, desejando receber seus favores" (Sermão 83).

Para Agostinho, Deus falava através de sua mãe, e assim ele descreve o coração orante dela: "De quem eram, senão de Vós, aquelas palavras que, por meio de minha Mãe, vossa fiel serva, pronunciastes aos meus ouvidos?" (*Confissões* II, 3, 7). Não resta dúvida que, para ele, ela sempre foi a intermediária entre ele mesmo e Deus: "Não era a minha mãe nem as minhas amas que se enchiam a si mesmas os peitos, de leite. Éreis vós,